



32 • Brasília, sábado, 29 de outubro de 2022 • Correio Braziliense

» Entrevista | **MARIA HELENA GUIMARÃES** | Presidente da Associação Brasileira de Avaliação Educacional (Abave)

Educação é prioridade

Ex-presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE) reforça que crescimento da produtividade e da economia do país dependem diretamente de ensino de qualidade

MARIANA NIEDERAUER

A frente do Conselho Nacional de Educação (CNE) durante os dois anos de pandemia, a socióloga e professora Maria Helena Guimarães de Castro acompanhou de perto os desafios da educação brasileira durante o período. Gestora experiente, presidiu o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) no governo Fernando Henrique e alerta para a importância de se promover mudanças nas avaliações do ensino no país, além de acelerar a entrega dos resultados para embasar a formulação das políticas públicas para a área. Nesta entrevista ao **Correio**, a atual presidente da Associação Brasileira de Avaliação Educacional (Abave) fala sobre os principais desafios da educação no país e reforça: “Enquanto os governantes não considerarem a educação tão importante quanto a economia, não vai dar certo, e a economia vai para trás”. Confira os principais trechos a seguir.

A senhora assumiu o Conselho Nacional de Educação em plena pandemia. Que impacto a crise sanitária causou na educação brasileira nesses últimos dois anos?

O principal impacto foi o fechamento das escolas numa situação em que nenhuma, nem escola pública, nem escolas particulares, estava preparada para enfrentar um

Arquivo pessoal



“Aqui no Brasil nós temos uma desigualdade do ponto de vista da infraestrutura das escolas muito grande, mesmo entre as escolas particulares”

fechamento tão prolongado quanto foi aqui no Brasil e em vários outros países. Algumas tiveram melhores condições de fazer atividades remotas, outras tiveram mais dificuldade. Isso tanto vale para escola pública quanto para escola particular. Ambas tiveram dificuldades em se reorganizar e definir estratégias para chegar até o aluno. A volta às aulas também foi bem difícil, porque cada estado e município

seguuiu uma regra. As situações foram muito desiguais.

Quais foram as principais ações do CNE no acompanhamento desse processo?

O Conselho Nacional, durante todo esse período, em 2020 e em 2021, definiu normativos e regras que foram muito importantes para os conselhos de educação — os estaduais, o distrital e os municipais — para que os

conselhos estabelecessem o reordenamento do calendário escolar, a definição de estratégias de acolhimento para os alunos no retorno às aulas presenciais, e a importância das avaliações diagnósticas no retorno à presencialidade, uma vez que nós já sabemos que os alunos aprenderam menos do que aprendiam presencialmente. E também os aprendizados foram muito desiguais, muito heterogêneos. Alguns

alunos tiveram mais facilidade, outros menos, isso faz com que cada escola precise organizar uma avaliação diagnóstica do aluno, reorganizar pequenos grupos para recomposição das aprendizagens, com prioridade grande para os alunos que estão nos anos iniciais, porque são as crianças menores, dos anos iniciais, as que têm mais dificuldade em se desenvolver, justamente na etapa da alfabetização, tanto em leitura, escrita, língua portuguesa matemática. Também orientou em relação ao currículo, à flexibilização curricular, ao contínuo curricular, e à importância de não reter os alunos, para que eles pudessem progredir sem ser punidos por um evento em que eles não tinham o que fazer.

A pandemia trouxe à tona a discussão sobre o ensino híbrido, que é diferente de um ensino remoto emergencial, como ocorreu na pandemia. Como a senhora vê a evolução desse formato? É um movimento natural que foi acelerado pela pandemia?

Na minha visão, o uso das tecnologias, de plataformas digitais, inteligência artificial, o uso de dados pelos professores para melhorar o aprendizado dos alunos; o ensino e a aprendizagem híbrida, tudo misturado, uma parte presencial, outra parte não presencial; o acesso a plataformas adaptativas pelos alunos, a laboratórios virtuais, realidade